

Conflito intragrupal na imigração internacional no Brasil: análise comparativa sobre a imigração boliviana e a imigração haitiana de estudantes

Szilvia Simai*

Rosana Baeninger**

Introdução

Este estudo busca analisar as diferentes situações sociais em que estão envolvidos imigrantes bolivianos e imigrantes haitianos no país. O ponto central da análise é a compreensão de diferentes grupos imigrantes e suas inserções na sociedade hospedeira, considerando a perspectiva dos próprios imigrantes.

Estudos a partir de um enfoque interdisciplinar (LERNER, 1980) mostram que membros de grupos sociais menos favorecidos tendem a justificar a ordem social contra seus próprios interesses e do grupo. Este é o caso dos grupos imigrantes bolivianos, em particular os não documentados, quando exaltam a sociedade hospedeira em contraposição aos membros do próprio grupo. Nota-se, portanto, a rejeição intragrupo, levando ao favoritismo do *outgroup*, ou seja, os brasileiros. O estudo acerca dos imigrantes bolivianos contemporâneos em São Paulo, indicou fortemente este conflito intragrupo (SIMAI e BAENINGER, 2011).

Para avançar nessa questão, este estudo incorpora também a presença de outro fluxo de imigrantes, identificando um conflito intragrupo referente à identidade, sem que haja o favoritismo *fora do grupo*. Trata-se da recente imigração haitiana para o país, em particular, referente a um grupo de estudantes universitários.

* Doutora em Psicologia Social, pesquisadora do Observatório das Migrações em São Paulo (Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp/Fapesp/CNPq).

** Professora associada no Departamento de Demografia e pesquisadora no Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp. Coordenadora do Observatório das Migrações em São Paulo.

Desse modo, a diversidade de situações relativas à imigração internacional para o Brasil – quer seja o consolidado fluxo de bolivianos para São Paulo, quer seja o seletivo grupo de estudantes haitianos – aponta para o conflito dentro do próprio grupo migrante, mas com visões diferenciadas acerca da sociedade receptora. Propomos analisar e buscar explicações para a natureza desse conflito, comparando os dois casos a partir das diferenças existentes em suas relações de alteridade.

O aporte teórico

As migrações internacionais constituem objeto de estudo essencialmente interdisciplinar. O aporte teórico da psicologia social acerca da crença no mundo justo, desenvolvido por Melvin Lerner (1980), pode colaborar para o entendimento dos fluxos migratórios recentes para o país. Essa teoria concebe que há uma motivação para acreditar que “cada um tem o que merece: coisas boas acontecem a pessoas boas, coisas más acontecem a pessoas más”. A partir dessa crença as características ou as ações individuais e sociais são vistas de acordo com os seus resultados: se lhes acontece algo mau é porque são maus, se lhes acontece algo bom é porque são bons ou fizeram algo bem feito. Assim, o mundo é sempre justo. Quando surge uma situação claramente injusta surge a perturbação, a qual somente é resolvida quando conseguimos resolver a injustiça objetivamente ou cognitivamente, reconceitualizando a situação de modo que ela seja justa. Noutras palavras, há uma culpabilização das vítimas, negligenciando a complexidade de fatores sociais, econômicos, políticos, psicossociais envolvidos na situação.

De acordo com Lerner (1980), a crença no mundo justo é fundamental para a manutenção da percepção de invulnerabilidade face às ameaças da vida; as pessoas com maior crença no mundo justo têm níveis de bem-estar psicológico mais elevado. É nessa perspectiva teórica que os grupos migrantes de bolivianos, em São Paulo, e de haitianos, estudantes universitários na Unicamp, puderam ser analisados.

Os dois grupos migrantes mostraram diferenças no que se refere à crença do mundo justo, com justificativas discrepantes para a existência dessas injustiças. O discurso dos bolivianos revela uma autoculpabilidade, mostrando um forte favoritismo *fora do grupo*, com baixa autoestima nacional. Esse caso está de acordo com a teoria marxista, na qual as pessoas oprimidas tendem a internalizar a própria inferioridade e justificar a própria exploração (BILLIG, 2006).

Contudo, o caso dos estudantes universitários haitianos parece indicar elementos novos ao debate acerca da imigração internacional. Para esse grupo de haitianos identificou-se, nas entrevistas, elevada autoestima de grupo, uma identidade nacional forte e consequentemente uma grande resistência ao favoritismo intragrupal. Assim, para entendermos

essa situação é preciso considerar a conexão entre a teoria da crença do mundo justo e a Teoria da Identidade Social (TAJFEL e TURNER, 1979).

Essa teoria foi originalmente desenvolvida para compreender a discriminação entre os grupos. Tajfel *et al* (1971) tentaram identificar as condições psicossociais que levariam os membros de um grupo a discriminar em favor do grupo a que pertenciam e contra outro grupo externo. Na Teoria de Identidade Social, diferentes contextos sociais podem levar um indivíduo a pensar, sentir e agir com base em sua vida pessoal, familiar ou nacional (TURNER *et al*, 1987); nas teorias da psicologia social, um indivíduo tem várias “identidades sociais”; assim a identidade social do indivíduo é derivada da pertença a grupos sociais (HOGG & VAUGHAN, 2002). Em outras palavras, é uma percepção individual baseada no que define o “nós” associado a qualquer membro de grupo internalizado.

Desse modo, as explicações da Teoria da Identidade Social afirmam que os membros do grupo – dentro do próprio grupo – criam autocategorização e valorização de forma que favoreçam o grupo, em detrimento do grupo externo. Os exemplos de Turner e Tajfel (1986) mostraram que o simples ato de categorizar os indivíduos a si mesmos como membros do grupo foi suficiente para levá-los a mostrar favoritismo dentro do próprio grupo. Revelando a associação, os indivíduos procuram alcançar uma autoestima positiva a fim de diferenciar seu próprio grupo a partir de um outro em algum aspecto valorizado. Essa busca pela diferenciação positiva significa que o sentimento das pessoas de quem eles são é definido em termos de ‘nós’ em vez de ‘eu’.

Tajfel e Turner (1979) identificam três variáveis cuja contribuição para o surgimento de favoritismo dentro do próprio grupo é particularmente importante: a) os indivíduos se identificam com um grupo interno para interiorizar os membros do grupo como um aspecto do seu autoconceito; b) o contexto prevalecente fornece base para a comparação entre os grupos; c) a própria relevância percebida do grupo a partir de sua situação de favoritismo intragrupo, em comparação com os grupos.

Os indivíduos tendem a apresentar favoritismo quando um grupo interno é fundamental para sua autodefinição: esse pode ser o caso de imigrantes, onde o grupo local e a sua aceitação é fundamental para o desenvolvimento da nova identidade imigrante. Porém, esse estudo aponta que a nova identidade é muito difícil de ser conquistada face às condições de opressão das sociedades receptoras aos grupos imigrantes, gerando resistência e não a internalização da injustiça.

A pesquisa

Dois grupos específicos de imigrantes em São Paulo foram escolhidos para este estudo comparativo: os bolivianos na cidade de São Paulo, e os haitianos, em Campinas. As entrevistas qualitativas foram realizadas desconhecendo-se papéis de discriminação interpessoal, tais como histórico de animosidade, conflitos pessoais ou interdependência. Os imigrantes desses dois grupos atribuíram pontos aos membros anônimos tanto de seu próprio grupo quanto do outro. Os resultados indicaram favoritismo intra ou fora do grupo.

Os participantes escolheram recompensas que concederam mais pontos para as pessoas que foram identificadas como *ingroup* (dentro do grupo) ou *outgroup* (fora do grupo), como forma de captar o favoritismo no grupo ou favoritismo fora do grupo. A análise foi conduzida através de entrevistas com um método discursivo analítico (VAN DIJK, 2010).

Para entendermos a prática discursiva presente na imigração boliviana, foram realizadas 15 entrevistas individuais em profundidade na cidade de São Paulo das quais 13 com mulheres imigrantes bolivianas e 2 entrevistas com imigrantes bolivianos, com idade entre 21 e 53 anos. As ocupações principais dessas mulheres eram: costureira, enfermeira, empregada doméstica e advogada; entre os homens bolivianos, um era costureiro e o outro publicitário. As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise de discurso individual. Essas entrevistas permitiram explorar os projetos migratórios e analisar a experiência subjetiva através de cada narrativa individual.

Com os imigrantes haitianos foram selecionados os alunos de graduação da Unicamp, identificando-se sete biografias, que pretenderam identificar aspectos da diáspora haitiana às trajetórias dos imigrantes.

Com essa metodologia foi possível identificar as semelhanças e diferenças entre estas duas comunidades de imigrantes em suas relações intra e intergrupais. O resultado mais revelador, para o entendimento dos diferentes grupos imigrantes internacionais que chegam a São Paulo, se refere à forte opressão por parte da sociedade receptora em relação aos estereótipos, contudo, a reação do grupo de imigrantes bolivianos e de imigrantes haitianos frente à essa opressão se manifesta de maneira diversa: o grupo boliviano imigrante demonstrou menos sinais de resistência e maior inferioridade internalizada, que foi expressa através da baixa autoestima e do favoritismo aos brasileiros (*out-grupal*). Os haitianos entrevistados demonstraram sinais de resistência ao sistema de acolhimento opressivo e isso foi expresso em uma forte identidade nacional com o favoritismo dentro do próprio grupo, a fim de se marcar a forte diferenciação com os afro-brasileiros.

O estudo anterior: os imigrantes bolivianos

Os imigrantes bolivianos mostraram um forte favoritismo fora do grupo, elogiando os brasileiros e frequentemente atacando seus compatriotas bolivianos (SIMAI e BAENINGER, 2011). Conflitos internos e discriminação foram, portanto, muito significativos em suas narrativas. O efeito da terceira pessoa foi também comumente encontrado no material coletado, através da atribuição de experiências negativas aos outros e não a si mesmos. Autoestima baixa – com sua parceira negação – e intensa frustração causada pelo estereótipo por parte de brasileiros foram identificadas como várias estratégias usadas para lidar com esse tumulto interno. Autorretrato positivo para esconder problemas e negar conflitos foi também claramente reconhecido.

Todas essas características comportamentais atuais sugerem que exista uma ambivalência atitudinal presente na comunidade boliviana, bem como uma tendência a uma justificativa de sistema na comunidade, tanto em nível individual como grupal. Os aspectos, a seguir elencados, permitem identificar as formas retóricas de conflito intragrupal no grupo imigrante boliviano.



Imigração boliviana. Banco de imagens do Observatório das Migrações em São Paulo (Nepo/Unicamp-Fapesp/CNPq)

Discriminação interna entre os imigrantes

A discriminação interna ao grupo imigrante é a primeira forma, e mais visível, de favoritismo fora do grupo. A presença e as referências a conflitos internos na comunidade boliviana em São Paulo foram expressas através de várias situações.

O trecho 1, extraído de uma das entrevistas, mostra a tendência que aparece constantemente nas entrevistas com os bolivianos, qual seja: valorizar positivamente o grupo que não é um intragrupo, mas um grupo externo – nesse caso os brasileiros – ao mesmo tempo em que faz comentários negativos sobre o intragrupo – os bolivianos.

ENTREVISTADO: Quando eu cheguei aqui pensei que tudo fosse muito bom. ENTREVISTADOR: Então você gosta daqui. ENTREVISTADO: Sim, gosto. Tem sido muito bom estar aqui.[...] Os brasileiros nos ajudaram muito. [...] ENTREVISTADOR: Está bem, então você está satisfeita aqui. O que você recomendaria a qualquer outra mulher boliviana que quisesse vir para São Paulo? ENTREVISTADO: Que... que aqui é muito bom e que os brasileiros são muito prestativos. Aqui há de tudo. ENTREVISTADOR: Então, tudo é bom ... [...] ENTREVISTADO: Bem, conheço pessoas que tiveram experiência ruim também, muito ruim... e eu mesma fui maltratada uma vez. [...] Os bolivianos às vezes nos tratam mal. Tive alguns problemas na casa onde morava por causa de meus filhos. Eles não gostavam de nós, principalmente porque as crianças eram barulhentas.

De uma perspectiva sociopsicológica, esse seria um caso de auto-ódio, onde as minorias, imigrantes e grupos sociais excluídos podem sofrer de complexo de inferioridade tanto individual como coletivo. De fato, estudos após a Segunda Guerra Mundial mostram que grupos que sofrem preconceito podem internalizá-lo contra si mesmos e adotar certas preferências a grupos mais avantajados (ALLPORT, 1954).

Estudos recentes, considerando a Teoria de Justificação de Sistemas (JOST & BURGESS, 2000), encontraram que para tolerar todos os tipos de injustiças e desigualdades, as pessoas em situações difíceis podem suportar ou racionalizar o *status quo* e reforçar, em um nível subjetivo, a ideologia e ações dominantes do grupo principal de poder. Assim, quanto mais poderoso o grupo social a que se pertença, maior será o favoritismo intragrupo, ao passo que aqueles que pertencem aos grupos de menor poder demonstram mais tendências ao favoritismo fora do grupo. Essas atitudes podem ser reforçadas no contexto imigratório, levando a um conflito interno dentro do grupo.

A identificação interna e positiva ao grupo imigrante somente ocorre quando se delinea perfis sociais, econômicos ou culturais de maior *status*, delimitando quem pertence àquele intragrupo (JOST & BURGESS, 2000). Desse modo, pode-se reconhecer – entre os imigrantes bolivianos – o favoritismo intragrupo de profissionais liberais bolivianos, que excluem os próprios bolivianos pertencentes a outros subgrupos. Exemplo desse conflito refere-se à discriminação contra os imigrantes bolivianos recém-chegados com baixa qualificação profissional, conforme mostrado nas narrativas a seguir:

ENTREVISTADO: Naquela época, os imigrantes bolivianos que vinham a São Paulo eram profissionais... profissionais como meu pai. Para obter documentos, era necessário passar por muitos exames, tanto psicológicos como exame de sangue. Não como atualmente! Hoje, as pessoas da Bolívia vêm de zonas rurais, não querem estudar...,-mas antes não era assim. [...] Esses bolivianos que estão imigrando agora vêm de zonas rurais, mas a Bolívia não é apenas assim.

ENTREVISTADOR: Como é o seu relacionamento com os brasileiros?

ENTREVISTADO: Os brasileiros recebem os estrangeiros muito bem, de forma muito diferente dos outros países. Os brasileiros recebem os estrangeiros com gentileza. [...] Mas se você disser que é boliviano, eles têm a ideia de que os bolivianos são todos iguais. Mas nós não somos. Por exemplo, os brasileiros pensam que a Bolívia é inteiramente como a Rua Coimbra, a feira boliviana aqui. Mas não é. Há bolivianos que vão lá, mas a Bolívia não se resume somente na feira.

Essa entrevista reforça a forma negativa de falar sobre o próprio intragrupo e até criar conflito dentro do grupo. É um tipo de separação que ocorre quando imigrantes bolivianos são definidos como não tendo educação, sendo até indesejáveis pela comunidade imigrante anterior. A narrativa revela constrangimentos sobre a imagem da comunidade boliviana em São Paulo, o poder pode estar em risco (VAN DIJK, 2010) pelos imigrantes recém-chegados, descritos como imigrantes de baixa qualificação. Por outro lado, os brasileiros são elogiados e vistos de forma absolutamente positiva. A sociedade hospedeira brasileira não recebe críticas, mesmo por estereótipos injustos; as críticas e reclamações são pertencentes aos membros do intragrupo, os bolivianos.

Baixa autoestima do grupo imigrante

Estreitamente relacionada com esse exemplo anterior, a baixa autoestima pode ser esperada quando um grupo mostra sinais de favoritismo fora do grupo. De acordo com Jost and Burgess (2000), grupos com favoritismo fora do grupo possuem uma tendência psicológica geral de justificar e racionalizar a ordem social existente e pensar que as relações

de grupo existentes sejam legítimas e justas. Dessa forma, se as relações intragrupais forem conflituosas, a tendência será de acreditar que há razões legítimas para isso e que o grupo fez algo errado para levar as relações nessa direção. Podemos ver isso realçado no extrato da seguinte entrevista:

ENTREVISTADO: Às vezes, quando digo que sou boliviana, dizem que os bolivianos são ruins, que não valem nada. Eles dizem que você é boliviana, mas você sabe que os bolivianos são pessoas ruins. Aí eu digo, não, nem todos. Mas, sim, eles exploram uns aos outros. Não pagam seus funcionários, todos nós conhecemos esses casos. Os brasileiros também dizem que os bolivianos bebem muito. ENTREVISTADOR: Então, os brasileiros dizem que os bolivianos bebem muito. É isso? ENTREVISTADO: Sim, realmente, os bolivianos de fato bebem muito, é verdade (rindo). ENTREVISTADOR: Isso a incomoda? ENTREVISTADO: Um pouco. Porque quando eu digo que sou boliviana, sempre acrescento que nem todos os bolivianos são iguais. Concordo que eles explorem uns aos outros, mas nem todos fazem isso, e quando explico isso aos brasileiros, eles entendem.

No trecho anterior, a mulher boliviana justifica o estereótipo dos bolivianos de explorar um ao outro e beber demais. A legitimação desses dois estereótipos negativos reforça a ideia de que, realmente, os brasileiros estão corretos em pensar assim. A entrevistada deve, então, justificar o motivo pelo qual esses hábitos negativos existem; mas a baixa autoestima bloqueia a entrevistada e ela não resiste aos estereótipos enraizados; ela também acrescenta que os brasileiros entendem suas explicações, retratando os brasileiros como muito tolerantes e compreensivos. Esse processo psicossocial inverte a situação e ao invés de rejeitar as acusações infundadas e estereótipos generalizados, ela os legitima através de uma falta de força e de autoestima insuficiente.

Demonstrando a outra face: autorretrato positivo

Uma forma retórica praticada pelos participantes bolivianos é a negação de problemas, que resulta em um autorretrato que se faz positivo, como ilustra o trecho abaixo:

ENTREVISTADO: Nunca me apresento como alguém que tenha problemas. Sempre digo no Brasil que vim aqui estudar.

Alguns entrevistados acreditam que falar a verdade sobre suas dificuldades na vida traria obstáculos a um bom relacionamento. Eles mantiveram a crença de que se alguém é apresentado como uma pessoa que quer estudar, isso dá uma imagem positiva, ao

passo que migrantes econômicos são vistos de forma negativa. Migrantes econômicos são associados a pobreza e problemas.

O entrevistado a seguir também mostrou que está muito frustrado com a imagem negativa da Bolívia e, portanto, esforçou-se em exaltar o país de origem, como na entrevista a seguir:

ENTREVISTADO: Criei esse projeto Bolívia Cultural, onde mostro que a Bolívia não é apenas o que muitas pessoas veem. [...] Há muitos brasileiros que entram no *site* e enviam *e-mails* dizendo que não sabiam que a Bolívia era tão bonita etc. [...]

A intenção de retratar o próprio país positivamente é um desejo natural, porém, escondendo e negando problemas continuamente. Isto ocorre pelo medo de rejeição, que é uma realidade comum entre os imigrantes bolivianos em São Paulo.

O efeito terceira pessoa

O efeito terceira pessoa é um padrão semântico em que as pessoas conseguem encontrar uma desculpa para se libertar de um exemplo, caso ou situação mencionada (VAN DIJK, 2010). Isso significa que a pessoa é capaz de se referir a uma humilhação, a um embaraço potencial ou a um caso proibido ideológica e moralmente colocando a culpa em outras pessoas que não estejam presentes na ocasião da narração da história. De acordo com Billig (2006), quando as pessoas usam estruturas de efeito terceira pessoa, estão, na realidade, reivindicando indiretamente que os outros têm essa opinião ou que tal fato aconteceu com uma terceira pessoa e não com elas; não terão essas experiências negativas. Vejamos a seguir:

ENTREVISTADO: Há pessoas que realmente tiveram experiências ruins [...].

O efeito terceira pessoa produz o otimismo irrealista e impactos impessoais, sendo esse alívio psicológico a essência dessas formas retóricas. No caso das entrevistas com o grupo de imigrantes bolivianos, predominou o tipo de retórica de elogio, tal como os “brasileiros são bons para nós, ajudam-nos muito”, com o favoritismo fora do grupo. O favoritismo fora do grupo – revelando a minoria sem poder – e o favoritismo intragrupo – em direção ao lado poderoso da sociedade hospedeira – resulta na manutenção do *status quo*. Para tolerar todos os tipos de desigualdades, a comunidade de imigrantes bolivianos dá suporte ou racionaliza o *status quo*, mesmo quando isso contradiz seu próprio autointeresse.

O estudo de caso com os haitianos

A imigração haitiana para o Brasil apresenta características específicas, quer seja por se tratar de ajuda humanitária, quer seja por se tratar de acordos bilaterais para a vinda de estudantes universitários, constituía, no início do fluxo, situação diversa da imigração boliviana. Contudo, ao longo de 2012 pudemos nos deparar com situações referentes à imigração haitiana no interior de São Paulo que se assemelham à dos bolivianos, em especial pela presença de mão de obra arregimentada para a construção civil, para a indústria de calçados ou mesmo para a agricultura, com a busca desses imigrantes no Acre.

Mesmo assim, para os imigrantes haitianos dessa pesquisa – entrevistas com estudantes universitários na Unicamp – a situação de opressão da sociedade receptora se difere daquela em relação aos bolivianos. Partimos da hipótese de que essa diferença não está assentada simplesmente por se tratar de grupo social diferenciado envolvido no processo migratório, mas essa diferença reflete, sobretudo, as raízes históricas e a identidade nacional haitiana desenvolvida nos últimos séculos. Portanto, a perspectiva histórica contribuirá para compreender as características atuais desse grupo haitiano no país hoje.



Imigração haitiana. Banco de imagens do Observatório das Migrações em São Paulo (Nepo/Unicamp-Fapesp/CNPq)

Breve histórico da emigração haitiana

Zephir (2004) aponta que, além de moldar o colonialismo francês, talvez o período mais crucial na história do Haiti tenha sido sua revolução e independência. Assim, seguindo o envolvimento de escravos negros e *affranchis* em uma batalha de 12 anos pela independência, os haitianos, em 1º de janeiro de 1804, declararam a primeira República negra do mundo. Desde o seu começo pouco auspicioso, “a nova nação foi dividida ao longo das linhas de cores e de propriedade da terra” (ZEPHIR, 2004:42). Além disso, a nova República era repleta de problemas, como o assassinato em 17 de outubro 1806 de Jean-Jacques Dessalines, o líder das guerras de independência e autoproclamado imperador da República do Haiti. Esta tragédia dividiu o país em dois campos principais, os pardos no oeste e no sul e os negros no norte, para se reunir novamente apenas em 1820. A imposição de uma taxa francesa sobre a nova República reivindicando indenização por perda de plantações francesas dificultou ainda mais a independência. Muitos países como os Estados Unidos e várias nações europeias compartilharam tais medidas repressivas e embargos econômicos por se recusar a negociar com o novo país. O Haiti, como a primeira República negra, representava uma ameaça para a estabilidade das colônias europeias que dependiam do trabalho dos escravos. O êxodo em massa de muitos haitianos de todas as classes sociais para os Estados Unidos continuou inabalável, por décadas, por causa dos regimes totalitários no Haiti, apesar do movimento em direção aos ideais democráticos. A modernidade, ao invés de ser um produto de uma dinâmica interna, na verdade, resultou na dependência econômica de remessas de emigrantes. (STEPICK, STEPICK, EUGENE, TEED e LABISSIERE, 2001)

De acordo com Stepick, Stepick, Eugene, Teed e Labissiere (2001), os emigrantes haitianos estavam entre os grupos mais fortemente discriminados nos Estados Unidos. Autoridades norte-americanas, por exemplo, interceptaram barcos antes de saírem de águas haitianas, encarcerando aqueles sem documentos e desaprovando pedidos de asilo político de haitianos mais do que qualquer outro grupo. Os esforços para isolá-los e continuar a sua remoção forçada e ilegal falharam devido a forte oposição de grupos de direitos civis e humanos, organizações religiosas e os americanos negros (STEPICK, 1992). No início de 1980, esses imigrantes figuraram entre quatro grupos: homossexuais, hemofílicos, usuários de drogas injetáveis e haitianos. Foram listados dentre os principais grupos de risco para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) de acordo com o Center for Disease Control (CDC). Mesmo que os haitianos tenham sido removidos desta lista, a Food and Drug Administration (FDA) no final de 1980 se recusou a aceitar doações de sangue de indivíduos de ascendência haitiana (STEPICK, 1992).

No entanto, de acordo com os autores, as experiências dos emigrantes haitianos mais pobres não foram compartilhadas por todos igualmente dentro deste grupo de imigrantes. As classes profissionais haitianas que embarcaram em aviões durante a primeira onda de

emigração na década de 1960 não passaram pelo centro de detenção, falavam o idioma, levaram habilidades que lhes permitiram mobilidade social nos Estados Unidos. “Orgulho na Revolução Haitiana é parte cultural e ideológica do *make-up* do tecido social ... haitiano A Revolução Haitiana de 1791-1804 é a base sobre a qual os haitianos se definem, percebem e avaliam os outros, e criam suas identidades” (CHARLES, 1992:106).

Historicizar a diáspora haitiana

Assim, para entender a formação da identidade do grupo de haitianos entrevistados em Campinas, é preciso localizar as suas experiências através de uma linha do tempo e de ondas de gerações emigrantes no século XX até os dias atuais. Somado a isso, a construção da identidade na diáspora haitiana é largamente dependente do seu *status* socioeconômico e sua posição no Haiti (STEPICK, 1992).

As histórias de emigração haitianas identificadas nas entrevistas realizadas com sete estudantes no segundo semestre de 2011 são justapostas com diversas experiências de migração transnacional de grupos sociais específicos e com os processos de inserção na vida cotidiana no Brasil. Desse modo, buscamos resgatar na emigração desses haitianos como se forma sua própria identidade diaspórica. Para tanto, as análises das entrevistas em um contexto histórico exploraram a terra, a migração e as narrativas de recepção de acolhimento. A pesquisa sugere que é possível resgatar a identidade haitiana a partir das histórias de vida extraídas das entrevistas com informantes do Haiti.

A classe social pode diferenciar a pertença ao Haiti e a distinção realizada pelas primeira e segunda geração de imigrantes haitianos (BANCOS, 1996). Neste sentido, os entrevistados foram identificados nas seguintes categorias: classe superior (burguesa), classe média (profissionais da educação), classe baixa (trabalhadores de colarinho azul); primeira geração (aqueles que vieram diretamente do Haiti) e segunda geração.

As narrativas da classe superior e da classe média haitianas entrevistadas sugerem orgulho em sua herança haitiana. Não há nenhuma tentativa de esconder ser haitiano ou se passar por brasileiro. Mesmo aqueles entrevistados com educação da classe trabalhadora não negaram suas raízes haitianas. Isso também pode ser explicado pela idade relativa dos nossos entrevistados. Jovens haitianos, alunos da universidade, estão inclinados a sucumbir à pressão do grupo e se engajar nesse repúdio a seu patrimônio. Para Celestino e Amelie, que nasceram e foram criados fora do Haiti, as noções de identidade, casa e pertença parecem ser fatores mais fluidos e seletivos. Segundo seus relatos biográficos, não há verdadeira ligação com o país, mas tais narrativas não se mantêm, porque alguns deles foram recentemente se identificando com comunidades haitianas locais. Por exemplo, as histórias de vida de Pierre e Jean mostram claramente esses contrastes de identidade. Pierre nasceu e cresceu no exterior, e Jean nasceu no Haiti, mas cresceu no exterior. São

dois casos de indivíduos com origens diferentes, mas ambos têm ideias claras de pertença ao Haiti. Isto sugere porque as noções de identidade, particularmente aquelas ideias que cercam casa e pertença, são utópicas e idealizadas e menos derivadas a partir de experiências do que formadas a partir de construtos cerebrais.

Tais fatos, segundo Bancos (1996), estão relacionados à questão da etnicidade. De fato, grande parte da construção da identidade haitiana entre esses entrevistados parece se relacionar à definição de etnia, por exemplo, percebendo o potencial legado histórico do Haiti em contraste com a cultura afro-americana e da história. Barth (1969) defende que os grupos étnicos são socialmente construídos sem a existência prévia ou estabilidade e que o conteúdo físico e ideológico da identidade étnica não deve ser procurado em isolamento. O foco, em vez disso, encontra-se nos limites do grupo que marcam os limites de marcadores étnicos (BANCOS, 1996).

Além disso, fatores históricos – como o Haiti ser o primeiro país independente de afrodescendentes no Hemisfério Ocidental e a segunda nação independente nas Américas (depois dos Estados Unidos) – contribuem para a autoconsciência haitiana como um grupo cultural no Caribe. Haitianos na diáspora construíram um dos principais conteúdos de sua identidade de grupo em torno desta “glória escolhida”, um conceito desenvolvido nas obras de Vamik Volkan (1997, 2004, 2006).

O desejo de retornar ao Haiti foi comumente mencionado por nossos entrevistados, com ideais expressos em objetivos humanitários para construir a infraestrutura social e econômica do país através da abertura de empresas, hospitais, orfanatos ou de outros empreendimentos filantrópicos no país subdesenvolvido.

Para a maioria deles, o haitiano tem um conceito de “casa” que não pode ser englobada pelos mesmos ideais sobre o espaço social adequado no Haiti. Em vez disso, noções de pertencimento são realizadas através dos sonhos utópicos e desejos, bem como conflitos de viver em dois mundos, Haiti e Brasil. Eles são como muitos outros haitianos que migraram para as cidades em todo o Brasil. Glick Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992) descrevem a história de um médico bem-sucedido haitiano que infalivelmente volta ao Haiti todos os anos. Enquanto no Haiti, o objetivo do médico haitiano era construir um complexo esportivo para as crianças de sua cidade natal e, através de seus esforços, ele encantadoramente coletou doações solicitadas a partir de seu círculo de amigos haitiano-brasileiros ricos.

Os autores explicam que este não é um fenômeno específico do médico e seus compatriotas. Significativamente, os haitianos têm realizado muitos projetos de desenvolvimento em larga escala. Esses projetos, segundo eles, têm sido muitas vezes “mais grandiosos do que práticos”, citando o exemplo da doação da ambulância para uma cidade sem abaste-

cimento de gasolina e/ou hospitalar. Glick Schiller *et al* (1992) opinam que tais projetos criam *status* para os haitianos tanto no Haiti quanto na sua comunidade haitiana fora do país. “Eles mantêm uma memória ou mito sobre a sua terra natal, pois eles acreditam que não são, e talvez não possam ser, plenamente aceitos em seu país de acolhimento; e vêm a casa ancestral como um lugar de troca eventual e um lugar para manter” (1991:85). Além disso, uma construção hegemônica de classe e *status* no Haiti, como muitos dos entrevistados nos explicaram, traz uma responsabilidade igual entre eles para ser bem-sucedido no exterior e, assim, manter seu *status* de elite; e, simultaneamente, contribuir para o desenvolvimento da nação economicamente desfavorecida.

Outra razão para esta obrigação aparentemente atávica pode vir do reconhecimento oficial do “Departamento 10” ou da diáspora haitiana como uma extensão dos limites físicos do Haiti pelo ex-Presidente haitiano, padre Jean-Bertrand Aristide. O conceito de “Departamento 10” antecede a utilização da noção pelo Presidente Aristide. Na verdade, Georges Anglade (1990) introduziu esta terminologia. Anglade discutiu como o êxodo em massa de haitianos, que começou durante a aquisição duvalierista, deu lugar a um entendimento transnacional de identidade haitiana. Os intelectuais e outros refugiados políticos que fugiam do Haiti durante a ditadura ainda permaneceram ligados à terra natal e participavam de movimentos para reformular a esfera política do Haiti, isso a partir de sua nova terra hospedeira. No entanto, não foi até a eleição do Presidente Aristide em 1991 que o conceito foi reforçado, pois convidou todos os haitianos a ter um papel na reformulação do Haiti, independentemente de onde eles residissem. O Haiti era para ser um Estado-nação não delimitado por suas fronteiras físicas (LABELLE, 1999). Os haitianos na diáspora, no âmbito do Plano de Aristide, foram do Departamento de 10 para um país com apenas nove reais departamentos. A identidade diaspórica haitiana destaca a desarticulação da relação entre cidadania e nacionalidade. Enquanto o Haiti não permite dupla cidadania legal, reconhece a diáspora haitiana como parte integrante da nação (LAGUERRE, 2005).

Wade (1997) argumenta que “etnia [...] tende a usar uma linguagem de lugar (em vez de riqueza, sexo, ou fenótipo herdado)” (1997:18). A etnia é amarrada a um espaço geográfico que fornece sua delimitação. No entanto, a identidade haitiana foi apresentada além das fronteiras do Estado-nação e da diáspora haitiana e isso foi incluído no imaginário nacional do Haiti. Laguerre (2005) argumenta como essa declaração de identidade haitiana transnacional é proferida, independentemente do local da cidadania legal. Essa desterritorialização é reforçada pela facilidade das viagens e à comunicação global, especialmente para a elite haitiana. A facilidade de ser capaz de se mover por impulso ou viagens ida e volta entre o Haiti e o Brasil é sublinhada pela riqueza, e, decididamente, não é o mesmo para os haitianos das classes mais baixas. A desterritorialização é agravada pela dualidade que permeia a identidade haitiana a partir do movimento sem esforço entre o Haiti e o Brasil. Muitos haitianos viajam com frequência entre os dois países. Nossos entrevistados não são exceção. Todos os nossos entrevistados/participantes da pesquisa voltaram ao

Haiti pelo menos uma vez desde a migração para o Brasil. Para alguns, viajar para o Haiti é um evento anual.

A identidade étnica é criada e assumida a partir da apropriação (ou rejeição) de categorias disponíveis e conceituação da raça e etnia no novo país de residência. Isso juntamente com entendimentos antigos da pátria original. Brodwin (2003) afirma que existem duas análises que servem para explicar o desenvolvimento de enclaves da diáspora; o autor destaca a agência da diáspora haitiana, em Guadalupe, na definição de si mesmos, mas também ressalta que esta definição é uma resposta para a terra de acolhimento. Os haitianos têm de definir-se contra o binário disponível de raça: branco e preto.

De acordo com Candelario (2007:8) “a identidade é um processo tanto de internalização quanto de externalização. É, ao mesmo tempo, estruturado por meio de instituições o que deixa aberta a práticas interpretativas de seus súditos, e baseado nas práticas expressivas e perceptivas e paradigmáticas de cada pessoa em relação ao outro que reflete de volta a existência da autoidentificação”.

Alguns de nossos entrevistados imigrantes haitianos, como Dauphine, rejeitaram uma afiliação com a comunidade africano-americana, por considerarem um grupo subalterno na sociedade; buscam não se identificar com um grupo que eles percebem ser impotente. A primeira grande onda de migração haitiana ocorreu no final dos anos 1950 antes do auge do Movimento pelos Direitos Civis. Apenas um dos nossos entrevistados estava presente naquela época. Os outros participantes de nossas entrevistas não tinham nascido ainda, a maioria deles migrou no decorrer de 1960 e 1970 ou depois. Talvez a falta de exposição a uma presença mais positiva do negro na sociedade brasileira serviu para criar uma dissonância entre o ser haitiano e o ser afro-brasileiro.

Para esse grupo de imigrantes haitianos em Campinas, a pesquisa revelou uma conceitualização de sua identidade que difere do contexto dos haitianos nos Estados Unidos. Stepick *et al* (2003:121) argumentam que “os preconceitos combinados de forma mais ampla da sociedade americana e aqueles especificamente dentro da escola exortam adolescentes haitianas a assimilar rapidamente e, simultaneamente, participar de um suicídio étnico, para encobrir suas origens haitianas”. Enquanto o trabalho de Stepick *et al* (2003) revela como os jovens do Haiti muitas vezes participam do que ele chama de assimilação segmentar, nossos resultados de pesquisa indicaram uma forte recusa de imigrantes haitianos serem derrotados por tais identificações na sociedade americana. Em vez disso, encontramos uma insistência sobre a criação de uma identidade distinta com hífen, sem necessariamente negar semelhanças entre as experiências do Haiti e afro-brasileiros em relação à violência estrutural e preconceitos. Esta diferença nos resultados poderia ser atribuída à composição de classe dos nossos entrevistados. Stepick *et al* (2003:8) afirmam: “a assimilação dos imigrantes não é apenas sobre os imigrantes” mudando-se e

tornando-se um nacional. Para os autores, ao contrário, a assimilação implica também um efeito recíproco: os imigrantes não são assimilados até que o resto do país os aceite. Nos Estados Unidos, manter a exclusão ou práticas de violência simbólica contra os haitianos recém-migrados – como colocá-los em classes mais baixas na escola do que eles merecem e ridicularizá-los por causa de suas poucas habilidades de comunicação em inglês – servem para afastar os imigrantes de abraçar uma nova identidade (BOURDIEU, 1977).

Ao invés de assimilar, conforme Oswald (1999), haitianos têm procurado cruzar as suas identidades como imigrantes deslocados com os valores do país de acolhimento. Corolário da hibridação, como descrito pelo conceito de Horowitz (1975) de identidade, significa que a identidade é transformada de acordo com o contexto social. Essa é uma noção auxiliar para nossa explicação alternativa do motivo de os entrevistados terem sentimentos ambivalentes sobre a identidade brasileira.

Às vezes, nossos participantes forneceram comentários áspers para rejeitar aspectos da identidade brasileira, em outras não tivemos problemas com os sentimentos de ser brasileiro. Como uma entrevistada, Sandra, explicou, ela se sente haitiana no Haiti e do Brasil na América. Estes conflitos aparentes de identidade apenas enfatizam ainda mais a mutabilidade ocasionada pelo transnacionalismo e da liberdade de atendimento e frequência de circulação entre os dois países.

Considerações finais

No caso dos bolivianos, o estudo permitiu avançar em aspectos importantes na configuração das relações sociais entre brasileiros e bolivianos na cidade de São Paulo. De modo geral, predominou o favoritismo fora do grupo entre imigrantes bolivianos, indicando a minoria sem poder e oprimida. Interpretações discursivas informam e regulam o comportamento (PARKER e BURMAN, 1993), ou seja, demonstram como as pessoas posicionam a si mesmas e como se posicionam em relação aos outros.

Entretanto, apesar de os sujeitos poderem ser agentes na escolha de suas interpretações da realidade social, tais discursos podem ser construídos por contextos histórico-sociais. Nesse sentido, o discurso em ação, as verbalizações dos sujeitos refletem ideologias que se tornaram experiências vividas. O estudo dos bolivianos demonstra claramente a dificuldade de o grupo oprimido alterar as imagens sociais construídas na sociedade hospedeira. Vidal (2012) atribui três categorizações importantes de produção de alteridade na comunidade boliviana em São Paulo: os fenótipos, a cultura indígena, as condições de trabalho baseadas na exploração. Essas categorizações sociais reforçam a posição de inferioridade do grupo imigrante, revelada na baixa autoestima, nos conflitos internos aos próprios bolivianos e na exaltação à receptividade brasileira.

Nesse sentido, a situação da imigração boliviana se diferencia da recente imigração haitiana, no nosso caso do grupo de estudantes universitários na Unicamp. A análise das biografias de sete haitianos entrevistados em Campinas permitiu aprofundar a discussão sobre as noções de identidade e sentimento de pertença entre os imigrantes no país. Classificações haitianas de raça para definir *status* social e de classe são exclusivas para o Haiti como alteridades físicas do ser – enquanto descritos por outros (não haitianos) são negados como rótulos estigmatizantes. De acordo com nossos entrevistados em suas narrativas, denominar os haitianos como africano-brasileiros é uma denominação visceralmente repugnante; essa inversão de grupo étnico pela sociedade como um todo tem um efeito estimulante para os haitianos, reforçando o orgulho na cultura haitiana e suas origens.

Para os haitianos, há uma supressão entre raça e etnia, o que os torna únicos entre as populações imigrantes. Para os entrevistados, os significados e construções de raça entre os haitianos são diferentes daqueles de afro-brasileiros. A construção da identidade entre imigrantes haitianos estudantes universitários em Campinas é enraizada na negação da concepção brasileira de negro e a adaptação afirmativa de construções haitianas sociais, raciais e culturais para a sua nova localidade.

Existe uma relação amor/ódio com o Brasil semelhante à relação amor/ódio com o Haiti. Há amor pela América, pois é a terra das oportunidades e há ainda o ódio de muitos valores culturais brasileiros. Não há amor por uma pátria mítica idealizada haitiana e ódio pelas circunstâncias políticas e econômicas que os destinaram a viver em outro lugar. Esta fronteira emocional indecisa frustra a construção de um sentido claramente definido de casa, identidade e pertencimento. Nossa pesquisa nos leva a concluir definições ontológicas de identidade, casa e pertença, baseadas em alteridades e justaposições. A hibridação cria um efeito multiplicador, onde já não se fala de uma identidade, em uma casa, e pertencente a conceitos como singular, mas identidades, casas e pertencas com significados polivalentes e conflituosos.

Em suma, nossas entrevistas com haitianos têm sugerido uma consciência ontológica associada a uma dualidade conflitante de viver “aqui” no país de acolhimento, o Brasil, e ainda assim remontando a sentimentos de “lá”, a terra natal, Haiti. No entanto, a percepção de lugar e espaço variou entre os nossos informantes haitianos; as alegações de identidade significaram reafirmar o privilégio de manter a essência da diferença étnica por causa da herança histórica, em contraposição às noções de negritude dentro de um quadro mais amplo do Haiti e no Caribe e das próprias experiências afro-brasileiras no Brasil.

O estudo comparativo entre os dois grupos imigrantes – bolivianos e haitianos – demonstra a necessidade de aprofundamento na diversidade dos fluxos imigrantes contemporâneos para o Brasil, uma vez que carregam traços da sociedade de origem que se redefinem ou se reafirmam na sociedade de destino, dependendo do grupo imigrante analisado.

Referências bibliográficas

- ALLPORT, Gordon. The nature of prejudice. Cambridge: Addison-Wesley, 1954. 537 p.
- ANGLADE, Georges. **Cartes sur table**. Port-au-Prince: Editions Henri Deschamps, 1990.
- BILLIG, Michael. A psychoanalytic discursive psychology: from consciousness to unconsciousness. **Discourse Studies**, v. 8, n. 1, p. 17-24, Feb. 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Outline of a theory of practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- BRODWIN, Paul E. Marginality and subjectivity in the Haitian diaspora. **Anthropological Quarterly**, v. 76, n. 3, p. 383-410, 2003.
- CANDELARIO, Ginetta E.B. **Black behind the ears: Dominican racial identity from museums to beauty shops**. Durham: Duke University Press, 2007. xiii, 340 p.
- CHARLES, Carolle. Transnationalism in the construct of Haitian migrants' racial categories of identity in New York City. **Annals of the New York Academy of Science**, v. 645, 101-123, July, 1992.
- GORDON, Milton M. **Assimilation in American life**. New York: Oxford University Press, 1964.
- HOROWITZ, Donald L. Ethnic identity. In: GLAZER, Nathan; MOYNIHAN, Daniel P. (Ed.). **Ethnicity: theory and experience**. Cambridge: Harvard University Press, 1975. p. 111-140.
- JOST, John; BURGESS, Dan. Attitudinal ambivalence and the conflict between group and system justification motives in low status groups. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 26, p. 293-305, 2000.
- LABELLE, Micheline. Re-reading citizenship and the transnational practice of immigrants. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 25, n. 2, p. 213-232, 1999.
- LAGUERRE, Michel. Homeland political crisis, the virtual diasporic public sphere, and diasporic politics. **Journal of Latin American Anthropology**, v. 10, n. 1, p. 206-225, 2005.
- LERNER, Melvin J. **The belief in a just world: a fundamental delusion**. New York: Plenum Press, 1980. 209 p.
- OSWALD, Laura R. Culture swapping: consumption and the ethnogenesis of middleclass Haitian immigrants. **The Journal of Consumer Research**, v. 25, n. 4, p. 303-318, 1999.
- PARKER, Ian; BURMAN, Erika. **Discourse analytic research: repertoires and readings of text in action**. London: Routledge, 1993.

SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 645, p. 1-24, July, 1992.

STEPICK, Alex. The refugees nobody wants: Haitians in Miami. In: GRENIER, Guillermo; STEPICK, Alex (Ed.). **Miami now! Immigration, ethnicity and social change**. Gainesville: University Press of Florida, 1992. p. 57-82.

STEPICK, Alex et al. Shifting identities and intergenerational conflict: growing up Haitian in Miami. In: RUMBAUT, Ruben G.; PORTES, Alejandro (Ed.). **Ethnicities: children of immigrants in America**. Berkeley: University of California Press, 2001. p. 229-266.

TAJFEL, Henri; TURNER, John. An integrative theory of intergroup conflict. In: AUSTIN, W. G.; WORCHEL, S. (Ed.). **The social psychology of intergroup relations**. Monterey: Brooks-Cole, 1979.

TAJFEL, Henri et al. The social identity theory of intergroup behaviour. In: WORCHEL, S.; AUSTIN, W. G. (Ed.). **Psychology of intergroup relations**. Chicago: Nelson-Hall, 1986. p. 7-24.

VOLKAN, Vamik D. **Bloodlines: from ethnic pride to ethnic terrorism**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1997. 280 p.

VOLKAN, Vamik D. **Blind trust: Large groups and their leaders in times of crisis and terror**. Charlottesville, VA: Pitchstone Pub., 2004. 367 p.

VOLKAN, Vamik D. **Killing in the name of identity: a study of bloody conflicts**. Charlottesville, VA: Pitchstone Pub., 2006. 307 p.

WADE, Peter. **Race and ethnicity in Latin America**. Chicago: Pluto Press, 1997.

ZEPHIR, Flore. **The new Americans: the Haitian Americans**. Westport: Greenwood Press, 2004.